



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

ANÁLISE SOBRE A FAIXA ETÁRIA DOS VÍNCULOS DO MERCADO DE TRABALHO FORMAL DA MICRORREGIÃO DE PIRAPORA/MG NO ANO DE 2016

Autores: ANDRÉ LUIZ GUERRA DE OLIVEIRA DIAS, SIMONE VIANA DUARTE

O objetivo do estudo foi analisar a situação da faixa etária no mercado de trabalho formal na microrregião de Pirapora/MG no ano de 2016. As variáveis utilizadas foram: faixa etária e setores, faixa etária e sexo, do trabalhador, faixa etária e remuneração e também faixa etária e tempo de serviço. O mercado formal de trabalho é aquele que o empregado tem direito à carteira assinada, de acordo com a legislação vigente, direito a férias remuneradas, licença maternidade, auxílio alimentação e de transporte, planos de saúde como médicos e odontológicos. Ao se analisar faixa etária e mercado de trabalho formal, percebe-se que determinadas faixas etárias são mais afetadas pelo desemprego. A taxa de desocupação afeta mais a população jovem, os quais ficam à margem do mercado cada vez mais competitivo. A pesquisa foi descritiva, realizada a partir do estudo de caso da microrregião de Pirapora[1]. A coleta de dados foi em fontes secundárias bibliográficas e dados oficiais do site do Ministério do Trabalho/RAIS[2] e do IBGE. No Brasil, o desemprego cresceu em todas as faixas etárias, afetando mais ainda os jovens, entre 14 e 17 anos e entre 18 e 24 anos que correspondem a 39% e 25,3%, respectivamente dos vínculos em 2016. Em relação ao total de trabalhadores na microrregião de Pirapora MG, da faixa etária de 18 a 24 anos, 8,35% corresponde aos trabalhadores do sexo masculino que estão no mercado de trabalho formal, e 4,66% corresponde ao sexo feminino. Na faixa de idade de 25 a 29 anos, 8,91% representam homens inseridos no mercado de trabalho e 5,91% representam as mulheres. Ambas faixa etárias, foco deste trabalho, totalizam 27,84% dos vínculos formais nesta microrregião. Desses trabalhadores, a maioria 58,56% tem escolaridade ensino médio. Estavam no superior completo e incompleto, apenas 9,44%, sendo representados 66,42% pela mão de obra feminina. Percebe-se pouca variação da remuneração, pois para 66,43% de jovens entre 18 e 24 anos de 1,01 a 1,50 salário mínimo e 12,91% recebem de 1,51 a 2,00 salários mínimos. Dos jovens de 25 a 29 anos, 53,40% ganham de 1,01 a 1,50 salário, e 17,92% recebem de 1,51 a 2,00 salários. Isso traduz uma tendência do mercado de demitir salários mais altos e promover salários mais baixos, para reduzir as folhas de pagamento. Estudiosos explicam que estes jovens apresentam pouca qualificação e como o desemprego aumentou bastante, há menos oferta de vagas e muitos jovens demandando emprego e essa alta demanda faz com que estes aceitem trabalho com baixos salários. Em relação ao tempo de serviço dos trabalhadores, curiosamente ambas faixas etárias, ou seja, o jovem, permanece de 6,0 a 11,9 meses, seguido pelo período de 12 a 23,9 meses. Quando se analisa os subsetores empregadores da economia local de Pirapora, mais representativos em termos de vínculos com idade entre 18 a 29 anos estão principalmente no comércio varejista (26%); seguido pela agricultura (17,93%); administração pública (11%) e indústria têxtil (9,18%). Outros setores empregam este público em menor proporção: indústria metalúrgica (9,14%); administração técnica profissional (8,32%) e outros 19 subsetores. Conclui-se que a porcentagem de mulheres inseridas no mercado de trabalho é pequena, se comparada à quantidade de homens. Jovens de 18 a 24 anos recebem um menor salário em relação às faixas etárias superiores, pois, devido à grande quantidade de trabalhadores, o mercado promove baixos salários. Em relação ao tempo de serviço, o jovem permanece por pouco tempo empregado e, a maioria, em subsetores varejistas e, em menor proporção, o subsetor de administração técnica profissional. Em Pirapora/MG, há diversidade de subsetores oportunizando a inserção do jovem no mercado de trabalho formal. Mais do que servirem como mão obra barata e temporária como os dados mostram, urgem políticas públicas de capacitação e valorização, em parceria governo e setor privado, podendo contribuir para um contingente qualificado para as inovações e sustentabilidade que os diferentes setores de atividade perseguem. Além disso é necessário evitar que essa mão de obra saia da microrregião buscando melhorias em outros centros.